#### **Amhiente**

# Em 2050, até 47% da Amazônia estará sob ameaça grave

Estudo internacional procurou mapear quando o colapso da floresta poderá se tornar irreversível, caso nada seja feito

#### **ROBERTA JANSEN**

Até 2050, a Amazônia deve alcançar um ponto considerado irreversível para a recuperação da vegetação, indicando o início de um colapso parcial ou total da floresta. A conclusão está em novo estudo assinado por pesquisadores brasileiros e estrangeiros, publicado ontem na prestigiosa revista *Nature*. Entre as possíveis consequências desse colapso está a aceleração do aquecimento global, já em curso.

Com base na revisão de artigos, modelagens estatísticas e na elaboração de uma análise inédita, os autores apontam os principais fatores de estresse da vegetação da Amazônia, como a elevação das temperaturas, secas extremas, desmatamentos e incêndios, que vêm se agravando de forma acelerada nos últimos anos. O trabalho determina os limites críticos para cada um deles que, se ultrapassados, podem levar a colapsos locais, regionais ou mesmo de todo o bioma, o que se costuma chamar de savanização da floresta.

A estimativa do grupo é de

que, até 2050, de 10% a 47% da floresta esteja exposta a ameaças graves que podem levar a transições ecossistêmicas. Essa transformação, por sua vez, teria impacto no clima, reduzindo chuvas e aumentando o risco de um colapso em larga escala. Os limites críticos a serem atingidos que podem provocar um colapso de toda a floresta ou de partes dela são: o aumento da temperatura mé-

dia global acima de 1,5°C, o volume de chuvas abaixo de 1.800 mm/ano, duração da estação seca por mais de cinco meses e desmatamento de mais de 10% da cobertura vegecal original, além da falta de restauração de 5% do bioma.

#### Consequências

Poderia contribuir enormemente para o aquecimento global e afetar chuvas em todo o mundo

"Estamos nos aproximando de todos os limiares", afirmou o pesquisador Bernardo Flores, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), um dos autores. "No ritmo em que estamos, todos serão alcançados ainda neste século."

"Além de considerar a situação da emergência, a gente também pensa em todas as perturbações: desmatamento, seca, fogo, mudança de uso da terra, degradação, tudo acontecendo ao mesmo tempo", afirmou a pesquisadora da UFSC Marina Hirota, apoiada pelo Instituto Serrapilheira. "Considerando a sinergia, o processo pode ser mais acelerado."

O colapso ainda que parcial da Amazônia tem consequências graves. Como a floresta armazena grandes quantidades de carbono, uma perda de cobertura vegetal, com a consequente emissão de gases do efeito estufa, poderia contribuir enormemente para o aquecimento global. A destruição da floresta em grandes regiões também reduz a circulação da umidade atmosférica, o que afetaria o regime de chuvas não só no Brasil, mas também em partes distantes, como Ásia e Antártida.

## **GLEBA 1: OPORTUNIDADE** 459.028,00M<sup>2</sup> GLEBA DE TERRAS (ÁREA TOTAL) **GLEBA 2:** FAZENDA PIRAPITINGUY, ROSEIRA/SP 140.141,00M<sup>2</sup> **ROD. PRESIDENTE DUTRA, KM 252** (ÁREA TOTAL) LANCE INICIAL: R\$28.500.000,00 ONLINE 27/03 ÀS 15H30 SODRÉ SANTORO LEILÕES PRESENCIAIS E ONLINE WWW.SODRESANTORO.COM.BR

### 'Precisamos adotar uma abordagem preventiva'

As árvores são responsáveis pelo lançamento de enormes quantidades de água do subsolo para a atmosfera, aumentando a concentração da umidade. Em outras palavras, a floresta aumenta a chuva e a chuva aumenta a resiliência da floresta. Para manter a resiliência da floresta, os autores sugerem uma combinação entre esforços locais – para deter o desmatamento e expandir a s áreas de restauração –, e esforços globais, para frear as emissões de gases de efeito estufa, mitigando impactos das mudancas climáticas.

"A Amazônia é um sistema complexo, o que torna extremamente desafiador prever como os diferentes tipos de floresta responderão às mudanças globais", afirma a pesquisadora da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) Marina Hirota, uma das autoras do estudo, apoiada pelo Instituto Serrapilheira.

"Se quisermos evitar uma transição sistêmica, precisamos adotar uma abordagem preventiva que mantenha as florestas resilientes nas próximas décadas", continua ela.

O trabalho atual é assinado por 24 autores, 14 deles brasileiros, entre os quais Marina Hirota e Bernardo Flores, além de cientistas dos Estados Unidos e da Europa. ● PressReader.com +1 604 278 4604 copysisht and processed from the copysisht and profession and price from the copysisht and profession and profession from the copysisht and profession from the copysion fro

D pressreader